

## RESUMO EXPANDIDO

### ENTRE LETRAS E IMAGENS: A DESCOLONIZAÇÃO EM ANGOLA ATRAVÉS DA LITERATURA E DO CINEMA

Beatriz Carolina Gemaque Gomes<sup>1</sup>  
Francisco Ewerton Almeida dos Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo analisa o romance *As Aventuras de Ngunga* (1972), de Pepetela, e o filme *Na Cidade Vazia* (2004), de Maria João Ganga, investigando como as duas obras constroem discursos distintos sobre a descolonização angolana e a formação da identidade nacional. Partindo da perspectiva da adaptação como tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1995), a pesquisa busca compreender de que modo o filme reacentua criticamente o projeto utópico presente no romance, deslocando-o para uma leitura distópica do pós-guerra civil. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, bibliográfico e analítico-comparativo, fundamentado nos estudos intermediários (CLÜVER, 2006), na teoria da adaptação (HUTCHEON, 2011; STAM, 2006), e na crítica literária angolana (MARQUEZINI, 2008; LAURITI, 2022). A análise evidencia que o romance projeta uma identidade nacional fundada na ética revolucionária e na esperança coletiva, enquanto o filme apresenta a fragmentação desse ideal, configurando o que Marquezini (2008) denomina “identidade aos cacos”. Conclui-se que o diálogo entre literatura e cinema revela não apenas a transformação de códigos narrativos, mas também a revisão histórica de um projeto de nação, evidenciando tensões entre memória, utopia e realidade pós-colonial. **Palavras-chave:** Pepetela. *As Aventuras de Ngunga*. *Na Cidade Vazia*. Literatura Angolana. Cinema Angolano.

## INTRODUÇÃO

A literatura e o cinema angolanos configuram-se como espaços privilegiados de elaboração simbólica da experiência colonial, da luta armada e das tensões do pós-independência. Entre essas produções, destacam-se o romance *As Aventuras de Ngunga* (1972), de Pepetela, escrito durante a luta de libertação, e o filme *Na Cidade Vazia* (2004), de Maria João Ganga, produzido em um contexto posterior, marcado pelas consequências da guerra civil.

Enquanto o romance apresenta a trajetória formativa de Ngunga como metáfora da construção da identidade nacional e do “homem novo” revolucionário (LAURITI, 2008; CAMPOS, 1995), o filme constrói a história de N’Dala, criança órfã que percorre uma Luanda fragmentada e violenta (MARQUEZINI, 2008). A aproximação entre as obras, explicitada no próprio filme por meio da encenação escolar do texto literário, estabelece um diálogo

<sup>1</sup>Graduanda de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal do Pará (UFPA)  
[beatriz.gomes@ilc.ufpa.br](mailto:beatriz.gomes@ilc.ufpa.br)

<sup>2</sup>Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2008), mestrado em Letras: Linguística E Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (2011) e doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Atualmente é professor da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. E-mail: [fewertonsantos@gmail.com](mailto:fewertonsantos@gmail.com)

intermediário que permite observar a passagem da utopia revolucionária à distopia pós-colonial.

Este trabalho tem como objetivo analisar comparativamente o romance e o filme, investigando como a adaptação cinematográfica pode ser compreendida como tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1995; QUEIROZ; AGUIAR, 2010) e como reacentuação histórica do projeto nacional representado na obra literária (STAM, 2006). Busca-se compreender de que maneira o deslocamento do espaço, da floresta para a cidade, e da trajetória do protagonista, do herói formativo à infância interrompida, evidencia transformações na representação da identidade angolana.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e analítico-comparativa. O corpus é composto pelo romance *As Aventuras de Ngunga* (PEPETELA, 1972) e pelo filme *Na Cidade Vazia* (GANGA, 2004).

A análise articula procedimentos narratológicos (personagem, espaço e tempo) com fundamentos da teoria da adaptação e dos estudos intermediários. Para a compreensão da intermedialidade, adota-se a sistematização proposta por Clüver (2006), especialmente no que diz respeito às categorias de transposição e combinação de mídias. No campo da adaptação, dialoga-se com Stam (2006), que critica o paradigma da fidelidade, e com Hutcheon (2011), que define adaptação como repetição sem replicação.

No âmbito da tradução intersemiótica, parte-se da definição de Jakobson (1995) e das contribuições de Queiroz e Aguiar (2010), que concebem a tradução como processo semiótico seletivo e estruturado em diferentes níveis de descrição. A análise comparativa identifica aproximações, deslocamentos e inversões temáticas e estruturais entre as obras.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E/OU DISCUSSÕES**

A adaptação cinematográfica pode ser compreendida como forma de tradução intersemiótica, entendida por Jakobson (1995) como interpretação de signos verbais por meio de sistemas não verbais. Contudo, conforme argumentam Queiroz e Aguiar (2010), essa operação não se restringe à transposição de conteúdo, mas envolve a recriação de formas e efeitos em outro sistema de signos.

Clüver (2006) defende a necessidade de rigor conceitual ao tratar das relações intermediárias, distinguindo diferentes categorias de interação entre mídias. No caso de *Na Cidade Vazia*, não se trata de simples ilustração do romance, mas de uma reconfiguração estrutural que estabelece relação hipertextual com a obra de Pepetela, nos termos propostos por Genette (2006).

Stam (2006) critica o discurso moralizante da fidelidade e afirma que toda adaptação é uma leitura histórica situada. Assim, o filme de Maria João Ganga deve ser compreendido como reacentuação do romance à luz do contexto pós-guerra. Hutcheon (2011) reforça essa perspectiva ao conceber a adaptação como processo e produto, marcado por continuidade e transformação.

No romance, Ngunga percorre o maquis, espaço formativo que simboliza a construção coletiva da nação (CAMPOS, 1995). A trajetória do personagem configura um rito de passagem que culmina na consolidação de um herói coletivo. Lauriti (2008) interpreta esse percurso como expressão de um “devir”, articulado ao pressentimento da esperança, em diálogo com Bloch.

No filme, entretanto, a cidade substitui a floresta como espaço dominante. Luanda surge como cenário de fragmentação, fome e violência. N’Dala, embora espelhe Ngunga na condição

de órfão e na juventude, não realiza um percurso formativo bem-sucedido. Sua jornada é circular e marcada pela perda progressiva da inocência. Marquezini (2008) define essa condição como “identidade aos cacos”, expressão que sintetiza a fragmentação do projeto nacional. O deslocamento espacial e simbólico evidencia a passagem da utopia revolucionária à distopia urbana. A encenação escolar do romance dentro do filme constitui exemplo de intertextualidade explícita, reforçando a dimensão metatextual da adaptação (GENETTE, 2006). O mito do herói permanece como discurso, mas não se concretiza na experiência histórica da criança da cidade.

A adaptação, portanto, deve ser entendida como processo interpretativo que envolve mudança de meio, de contexto histórico e de horizonte ideológico. Ao traduzir o romance para o cinema, Maria João Ganga altera códigos narrativos, e revisita criticamente a memória da nação

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre o romance *As Aventuras de Ngunga* e o filme *Na Cidade Vazia* evidencia que a adaptação cinematográfica opera como tradução intersemiótica e como reacentuação histórica do projeto nacional angolano. Longe de se limitar à transposição narrativa, o filme constrói uma leitura crítica do ideal revolucionário presente na obra literária.

Enquanto o romance projeta uma identidade nacional em formação, marcada pela esperança e pela pedagogia política, o filme revela a fragmentação desse projeto em um contexto pós-guerra. O deslocamento espacial da floresta para a cidade e a transformação do herói formativo em criança marginalizada simbolizam a passagem da utopia à distopia.

Conclui-se que o diálogo entre literatura e cinema amplia a compreensão da história angolana, permitindo observar como diferentes momentos históricos produzem distintas representações da identidade nacional. A intermedialidade, nesse contexto, não é apenas fenômeno estético, mas instrumento crítico de leitura da memória coletiva. Espera-se que a continuidade da pesquisa aprofunde a análise das estratégias narrativas e audiovisuais mobilizadas pelo filme, contribuindo para os estudos sobre literatura angolana, cinema africano e tradução intersemiótica.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. *As Aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação*. In: **Anais do I Encontro de Literatura de Língua Portuguesa**. Niterói: UFF, 1995.
- CLÜVER, Claus. Inter textus / inter artes / inter media. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 11-41, 2006.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2006.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: EdUFSC, 2011.
- JAKOBSON, Roman. Os aspectos linguísticos da tradução. 20.ed. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LAURITI, Thiago. **As aventuras de Ngunga, de Pepetela: muito além da cartilha**. Via Atlântica, São Paulo, n. 14, p. 211-216, 2008.
- LAURITI, Thiago. **O filme Na cidade vazia – uma adaptação do livro As aventuras de Ngunga: da utopia à distopia de Pepetela**. Literartes, São Paulo, n. 17, p. 106-133, 2022.
- MARQUEZINI, Fabiana Carelli. **Aos cacos: imagens da nação angolana em As aventuras de Ngunga e Na cidade vazia, livro e filme**. Via Atlântica, São Paulo, n. 13, p. 181-193, 2008.
- QUEIROZ, João; AGUIAR, Daniella. **Tradução intersemiótica: ação do signo e estruturalismo hierárquico**. Lumina, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2010.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, 2006.